

SENTIDOS DE LEITURA EM BIBLIOTECAS NOMEADAS ALTERNATIVAS¹

*Gustavo Grandini Bastos**
*Lucília Maria Sousa Romão***

Resumo

Nesse trabalho, mobilizamos a noção de leitura da Análise do Discurso de matriz francesa para investigar como ela é discursivizada no âmbito de bibliotecas nomeadas alternativas, no caso espaços de leitura pouco convencionais. Assim, analisamos dizeres de sujeitos-leitores inseridos dentro de quatro bibliotecas desse tipo, quais sejam: a Barca dos Livros de Santa Catarina que leva a leitura através de um barco; a biblioteca Becei de Paraisópolis, localizada dentro de uma favela em São Paulo; a biblioteca itinerante Leitura de Barraco, espalhada em um assentamento rural do Movimento dos Sem-Terra (MST) e a Borrachaloteca de Sabará em Minas Gerais, instalada dentro de uma borracharia. Observamos que essas bibliotecas são faladas como espaços que rompem com o estereotipo de lugar que silencia, cala seus leitores e normatizado por regras rígidas e que instalam a imagem de um lugar que permite troca de sentidos sobre práticas e gestos de leitura.

Palavras-chave:

1 LEITURA EM DISCURSO: considerações introdutórias

O conceito de leitura tem estudos e conceituações diversas em várias áreas do conhecimento humano. Considerando a diversidade e polissemia do termo, marcamos que, nesse trabalho, ele será refletido no âmbito da Análise do Discurso de filiação francesa (doravante AD), que não crê na existência de uma forma única de leitura ou em um sentido tido como verdadeiro, já que “todo leitor tem sua história de leitura e, por tanto, apresenta uma relação específica com os textos, com a sedimentação dos sentidos, de acordo com as condições de produção da leitura em épocas determinadas” (NUNES, 2003, p. 25). Ou seja, o ato de ler não é livre nem pode ser qualquer um, mas está atrelado a relações históricas dos sujeitos com os sentidos.

Assim, mudanças de sentidos são constantes, já que eles são flexíveis e mutáveis, o que permite entender que “pensar a leitura sob a óptica de uma concepção da univocidade seria ilusório e ingênuo” (FERREIRA, 2003, p. 208). A leitura abrange não apenas o ato de ler, já que é algo que ultrapassa a concepção do ato de um momento, ela é um processo sócio-histórico de construção de sentidos, “contrapondo-se, pois, à idéia de que a leitura é um produto já inscrito no próprio texto” (INDURSKY, 2003, p. 189); por isso, concordamos que as possibilidades de inscrição dos sentidos ultrapassam o mero ato de decodificar.

¹ Projeto CNPq

* Discente do 4º ano de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq. gugrandini@uol.com.br

** Docente da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de São Carlos. luciliamsr@uol.com.br

Na AD ‘o que está fora’ (o exterior) faz parte integrante do que está dentro (o interior). Não há, pois, dicotomia; há tensão, há contradição. Como se estivéssemos frente a um quadro de um pintor: a moldura, a luz, o ambiente, a parede em que está colocado são elementos que compõe junto com a tela os efeitos de sentido que vão produzir para o observador. Com outra moldura, sob diferente luz, em nova parede, a significação já seria outra. (FERREIRA, 2003, p. 2003).

Nessa discussão introdutória, procuramos marcar como, em consonância com a AD, entendemos leitura. A partir de agora, trabalhamos com conceitos que nos ajudam a entender o processo de interpretação e o de evidência ideológica dos sentidos, que muitas vezes cremos tornar clara e óbvia apenas um determinado sentido quando da leitura de um texto. Os conceitos de condições de produção, sentido dominante e interpretação serão discutidos para, depois, sustentarem a análise discursiva de recortes de entrevistas coletadas com sujeitos em bibliotecas denominadas alternativas.

2 INTERPRETAÇÃO E SENTIDOS: a evidência da interpelação ideológica

A evidência de leitura cria o efeito de credulidade do sujeito em determinada forma de ler e interpretar como se ela fosse a única possível. Nesse caso, o sujeito entende a forma como lê de maneira tão natural que, quando questionado, não consegue crer na existência de outras formas de leitura e sentidos para o mesmo texto. Isso ocorre, pois ele é sempre interpelado pela ideologia cujo trabalho de naturalização ou estranhamento de sentidos faz-se presente nos gestos de linguagem (e leitura); assim, os sentidos que, pelo efeito ideológico de evidência são tidos como claros, devem ser mantidos e repetidos e aqueles diferentes ou indesejáveis ficam silenciados ou banidos de ler e de dizer.

Existem sentidos sedimentados que constituem o domínio da memória, do já-dito, que por efeito ideológico se apresentam como conjunto de ‘evidências’, de ‘informações’, de ‘realidades’ reconhecidas e aceitas por todos, as quais são codificadas pela língua de maneira transparente e às quais os sujeitos devem fazer referência, da maneira mais clara possível. É nesta instância que os efeitos da objetividade e da literalidade são produzidas e que a interpretação, ao mesmo tempo que se dá, se apaga enquanto tal – criando a ilusão de que esses sentidos são desde-sempre assim e devem continuar assim para sempre. (RODRÍGUEZ, 2003, p.57).

Essa aproximação e/ou distanciamento de sentidos acontece de acordo com as posições dos sujeitos no contexto sócio-histórico, o que nos faz concordar com Pêcheux (1988, p. 161) ao afirmar que “(...) uma mesma palavra, uma mesma expressão, uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente evidentes – conforme se referirem a esta ou aquela formação discursiva”. Dessa maneira, o ato de interpretar tem relação com o processo de produção de sentidos em um jogo no qual se assentam os sentidos dominantes, considerados naturalizados pela ideologia, e também aqueles tidos como marginais que continuam a fissurar e fazer rachaduras nos primeiros. Na base desse processo, está a certeza de que os sentidos não se encontram colados às palavras como se estivessem permanentemente em estado de dicionário, tampouco são livres ou neutros, visto que ler e interpretar são aqui entendidos como discurso nos seguintes termos:

Não há sentidos dados: estes são construídos por/através de sujeitos inscritos numa história, num processo simbólico duplamente descentrado pelo inconsciente e pela

ideologia. Isto é, os sujeitos têm um papel ativo, determinante, na constituição dos sentidos, mas este processo escapa ao seu controle consciente e às suas intenções. (RODRÍGUEZ, 2003, p. 51).

Por tudo isso, a leitura é fruto de um complexo processo discursivo, nos quais a inscrição de movimentos de leitura distintos e confrontantes dá-se a conhecer, por isso ocorre de muitas vezes “onde um leitor identifica uma promessa outro pode ler uma ameaça, instaurando-se assim um duplo movimento de leitura. A prática de leitura articula, pois, necessariamente dois sítios antagônicos de significação.” (INDURSKY, 2003, p. 196). Inexiste uma relação dada, um sentido construído que espera um decodificador para revelá-lo; os sentidos são dados por um sujeito que é determinante em sua formulação, mas que não tem controle dela, já que essa lhe escapa, “pode-se perceber que os sentidos ‘criam pernas’ (ou ‘asas’) e são surrupiados de um discurso para outro” (ORLANDI, 1997, p. 140). Desse modo, não se tem um controle consciente das formulações de sentidos, já que a ideologia e o inconsciente são incontrolláveis.

Palavras mudam de sentido de acordo como o lugar de onde se fala (sendo este lugar tanto a memória em que se inscrevem os sentidos como a situação objetiva), e que um sinal limite de distinção entre as memórias discursivas consistente justamente na atribuição de diferentes sentidos às palavras (...) Estas situações em que há diferença de sentidos quando as palavras são ditas por diversos sujeitos em seus distintos lugares de discursos apresentam, pois, contornos de diferentes memórias discursivas. (PAYER, 2003, 144-5)

Temos, durante a interpretação e a leitura, um processo de construção e não de descoberta de sentidos, mesmo existindo um imaginário de que a língua trabalha com uma suposta transparência da realidade ou que ela deve ser entendida na literalidade dos significantes. O ideário da comunicação fincou suas raízes na noção de que a língua é instrumento e, como tal, deve funcionar como uma ponte a permitir uma comunicação precisa, sem ruídos, falhas, lapsos. Pensar a garantia de um sentido verdadeiro é inconcebível dentro da AD, já que todo sentido é um “efeito construído pelo ponto de vista do enunciador que está na origem dos discursos. É um efeito de ruptura com a realidade em si, e por isso mesmo fundam-se outros sentidos” (SOUZA, 2003, p. 164-5). Daí a fragilidade de crer em um único sentido como o único verdadeiro, já que a leitura de determinado sentido é obtida devido à posição que tal sujeito ocupa discursivamente, assim, a noção de evidência postula-se de acordo com a posição que os sujeitos se inscrevem, uma posição dentre tantas outras possíveis.

Dentro da estrutura social, temos algumas instituições que buscam a formação de um sujeito-leitor imaginário como o ideal, aqui chamado bom-leitor (PFEIFFER, 2003), posição esperada dentro das instituições sociais normatizadoras tais como a escola e a universidade. Tem-se assim, a procura por compor a imagem do bom-leitor como alguém que lê buscando de maneira rápida e eficaz o sentido creditado ao autor ou ao texto e considerado o único verdadeiro. Assim, o bom-leitor é o que vai a biblioteca, compra ou empresta livros e que lê muito, não importando se ele compreendeu ou não o que leu. O que vale como sentido ideológico de evidência é a acumulação da leitura, a quantidade que se lê, o volume medido pelo número de obras consultadas. Essa prática tão rotineira em escolas e bibliotecas considera que a formação de leitores está ligada a certas regiões de sentidos definidas pelo “pode e deve ser lido”, ou seja, há livros já previamente escolhidos que estão disponíveis, que podem ser retirados e outros, que são considerados impróprios para a idade do leitor.

Isso nos causa a dizer que muitas instituições de leitura não têm um interesse em permitir a circulação de uma pluralidade de sentidos e não toleram sentidos diferentes dos

seus. Quem enuncia sentidos distintos dos seus é denominado de mau-leitor e ainda quando se tem a oportunidade, como no caso da escola, existem punições, restrições e reprovação do leitor tomado como desobediente. A noção de que novos gestos de leitura são possíveis é permeada por conceitos da AD que falam de um sujeito que não é senhor de seu dizer, mas que tem essa ilusão; um sujeito que é posição no discurso e que se constitui a partir da interpelação, tomada aqui como a captura que a ideologia promove tornando certo sentido o mais adequado. Sujeito este que tem a ilusória certeza de poder dizer tudo, sem risco de ser silenciado e que ignora que os sentidos formam-se no/pelo trabalho da rede de memória, que não são naturais, mas sim fruto de um processo que sócio-histórico. Assim, ninguém descobre os sentidos escondidos no texto ou consegue encontrar o que o leitor quis dizer, mas produz efeitos de leitura a partir da posição que ocupa, do que a ideologia permite dizer em dado momento e das redes de memória às quais tem acesso. A AD procura trabalhar com a constituição e maneira que sentidos são formulados e não com a atividade de decodificação e rotulagem de sentidos. (FERREIRA, 2003). Consideramos, com base nesse percurso, que a transparência da leitura ensinada na sala de aula e reforçada nas bibliotecas escolares é mera designadora onde cada palavra é colada a um determinado sentido de maneira fixa, produzindo uma ilusão de literalidade que “supõe um leitor cujo gesto de leitura se limitaria a um ato de reconhecimento: as palavras já teriam um sentido (literal, próprio) a ser descoberto.” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 69).

Quando o sujeito lê é sempre a partir de um jogo de imagens construídas sobre a posição social que ocupa, existe sempre um “grau de imprevisibilidade quanto ao ‘resultado’ da leitura. Em outras palavras, não se tem como prever totalmente o sentido que o sujeito-leitor pode construir e atribuir àquilo que foi objeto de leitura.” (MARIANI, 2003, p. 110). Tais palavras capturam o sujeito do modo como está descrito abaixo:

[...] o espaço de formulação de cada um é delimitado pelo que lhe é exterior e não-formulável. A cada um desses espaços de formulação corresponde um efeito-sujeito diferente e a relação que entre eles estabelece é de confronto e, por conseguinte, os efeitos de sentido mobilizados também estão em relação de tensão. Ou seja, a passagem de um espaço de formulação para outro caracteriza a transposição da fronteira que os delimita mutuamente. Transpô-la significa ir de um sistema de referência para outro e, por conseguinte, de uma matriz de sentido para outra. (INDURSKY, 2003, p. 192-3).

Falar sobre uma multiplicidade de leituras supõe falar também de uma gama diversa de leitores e é nessa variedade que temos as possibilidades de resistência à idéia do bom-leitor, já que esses outros leitores, comprovam a possibilidade da existência de outros gestos de leituras, escapulindo do padrão idealizado e difundido.

Leitor que ‘tenta’ falar a partir do perfil, mas ao fazê-lo desliza para uma forma de dizer que mostra que há outra leitura (um outro leitor) nessa leitura (nesse leitor). É porque a interpretação não ‘brota’ na leitura mas é efeito de um trabalho histórico social com suas regras de funcionamento (ORLANDI, 2003, p. 23).

O sujeito precisa interpretar e para fazer isso ele passa por um processo constante de resistência é aqui onde temos a possibilidade de (re)significação de sentidos, aqui é onde o sujeito vive na constante entre resistir e se entregar, essa resistência é a busca de um espaço para enunciar o que acabou sendo silenciado no discurso, temos então o lapso, a falha, o equívoco que não serão estudados aqui posto que não são o foco desse trabalho. O sujeito se reconhece durante sua interpretação (ORLANDI, 2003), acaba por filiar-se a determinados sentidos e formações discursivas (FDs) que são constituídas por uma série de fatores exteriores, que escapam de sua dominância, alterando colocações, formulações e sentidos, são

as formas de dizer possíveis a partir do interdiscurso, pois:

[...] para que nossas palavras façam sentido, é preciso que elas já tenham sido ditas e reditas em outros contextos sócio-históricos em uma espiral da qual não se tem o início nem o fim e, dessa forma, a qual não se pode classificar, ordenar, sistematizar e alocar com precisão. Pode-se rastrear as relações entre os significantes e os contextos de produção de sentido, pode-se mapear os deslocamentos de sentidos percorridos por zonas dessa memória, buscando interpretar a língua em funcionamento e tatear o quanto se tem ilusão de poder. (PACÍFICO; ROMÃO, 2006, p. 7).

Dessa maneira, quando falamos de leitura, é preciso tocar a seguinte questão política: o sentido dominante aponta a imposição de uma única possibilidade de sentido como o correto e como o digno de ser apresentado; os suplementos de leitura, tão empregados nas salas de aula não nos deixam mentir. No entanto, o sentido estabilizado pode ser furado por interpretações outras quando da voz de leitores incomodados com a estabilidade do sentido único que fazem falar como a “a leitura tende a ser múltipla, a ser plural, a ser ambígua.” (FERREIRA, 2003, p. 208). E se estamos na esfera do múltiplo e do plural nos discursos, marcamos que ler implica justamente romper os grilhões do sentido único e dar voz ao leitor e aos sentidos que lhe são possíveis produzir. É justamente isso que tentaremos escutar nos dados coletados em entrevistas com sujeitos-leitores em bibliotecas denominadas alternativas.

3 ANÁLISE DISCURSIVA DOS DADOS: sentidos produzidos por leitores em bibliotecas denominadas alternativas

O estofo teórico da Análise do Discurso sustenta nosso processo de análise visto que para essa teoria a análise sem a prática é algo impensável, buscamos com nossos estudos refletir acerca de como diferentes sujeitos fazem falar sobre a leitura dentro de bibliotecas denominadas alternativas. Essas bibliotecas são construídas em espaços compreendidos como incomuns, em sua maioria atendendo regiões marginalizadas, onde o acesso à cultura e à leitura são limitados, principalmente no que diz respeito a órgãos do próprio governo. São constituídas por outros setores da sociedade e pelos próprios moradores de tais regiões, tornando possível um contato com livros, leitura e outras formas de atividades culturais, tais como a exibição de filmes; constituindo-se ainda como espaço discursivo marcado pela heterogeneidade e pela pluralidade de vozes.

Nosso corpus de análise é formado por recortes de entrevistas realizadas com sujeitos responsáveis ou sujeitos leitores de quatro instituições instaladas em locais pouco convencionais, quais sejam, a biblioteca *Barca dos Livros* de Santa Catarina que leva a leitura através de um barco; a biblioteca *Becei* de Paraisópolis, localizada dentro de uma favela em São Paulo; a biblioteca itinerante *Leitura de Barraco*, espalhada em um assentamento rural do Movimento dos Sem-Terra (MST) e a *Borrachaloteca* de Sabará em Minas Gerais, instalada dentro de uma borracharia. Marcamos que os quatro projetos contam com a presença de inúmeros sujeitos-leitores, muitos dos quais nunca entraram em uma biblioteca pública e também não freqüentaram bibliotecas escolares. Isso nos faz ver como o contato com o mundo dos livros está distante da maioria dos brasileiros e, ao mesmo tempo, como tais unidades de leitura representam a brecha para a inscrição de outros sentidos, o que desestabiliza o sentido dominante. Vejamos o primeiro recorte.

“Trabalhar com leitura e com livros é *um prazer*, é como fazer de seu hobby sua profissão. É ver-se, ver sua força de trabalho como um *mecanismo para mudar a realidade social* dos indivíduos. É empolgante, é saber que o que você faz é

realmente importante e que pode mudar a vida das pessoas para melhor. Literatura, na minha vida, é... *tudo!* Trabalho, vocação, devoção, atividade meio, atividade fim, paixão. Na dos leitores, é a válvula de escape, é viajar sem sair do lugar, é aprender a lidar com os outros, é crescer...”.

No recorte acima, o sujeito sustenta-se na posição de leitor que tem prazer no contato com os livros, marcando como é evidente, dessa posição, acreditar no poder que eles têm. Ao pontuar a existência de “*um mecanismo para mudar a realidade*” e de algo “*realmente importante e que pode mudar a vida*”, fica naturalizado o efeito de valoração do leitor, da leitura e da biblioteca denominada alternativa. Entram também em movimento diversos sentidos para garantir uma contenção do que poderia ser o “*tudo*” na vida do sujeito. A formulação “*Literatura, na minha vida, é... tudo!*” poderia ficar vaga e pouco precisa, visto que tudo é uma marca que assegura a deriva. Na tentativa de conter esse espalhamento de sentidos para todo lado, o sujeito marca uma seqüência de outras palavras que poderiam especificar o “*tudo*”, qual seja, “*Trabalho, vocação, devoção, atividade meio, atividade fim, paixão*”. Aqui temos um ordenamento que amarra o mundo do trabalho com o das preferências e das paixões, algo que para o sujeito faz girar os sentidos do seu fazer e, ao mesmo tempo, sintetiza-o na diversidade.

“A leitura é um *ato fundamental em nossas vidas*, pois a pessoa que ler descobre um mundo bem diferente do que vive ou presencia. Com esse ato a pessoa se distrai e viaja sem ter que sair do lugar. A leitura e tudo, se você não ler, você não vive! Muito importante, pois com ela tive amor pela vida e vontade de adquirir mais conhecimento pelo meu bairro, cidade e o mundo e que vivo. Acho que isso também se engloba aos nossos leitores”.

O sujeito inicia o seu dizer trabalhando com uma definição “*a leitura é ato fundamental*”, o que indicia um movimento de estruturar um discurso próximo do funcionamento científico. Apontamos que, diante da formação imaginária que ele tem sobre o que é uma entrevista e o que são pesquisadores, o sujeito parte do movimento de dizer uma verdade com efeito de validade generalizante. Sustenta, ao modo de uma argumentação, a verdade da leitura como fundamental, garantindo que a “*pessoa que ler*” conquista vários ganhos. Nos recortes de que o leitor “*descobre um mundo bem diferente*” e “*se distrai e viaja se ter que sair do lugar*”, temos marcas lingüísticas que apontam o funcionamento discursivo da valorização da leitura. Produzindo um fecho nesse percurso, o sujeito sentencia “*se você não ler, você não vive*” ao modo de uma equação em que vida e leitura são equivalentes.

A partir desse momento, o sujeito deixa de enunciar desse lugar e instala-se em outra posição, a de leitor. Abandona o lugar de saber sobre a leitura e as pessoas em geral e deixa irromper os seus sentidos de leitura, os efeitos de suas leituras e de sua relação particular com os livros: “*com ela tive amor pela vida e vontade de adquirir mais conhecimento pelo meu bairro, cidade e o mundo e que vivo*”. Aqui o se que conquista é ganho de outra ordem, não de conhecer o mundo como algo externo e inalcançável, mas de tomar conhecimento do “*meu bairro, cidade e mundo*”. Temos aqui o sujeito empoderando-se da leitura e dos sentidos de movimento que ela permite e a marca do pronome possessivo “*meu*” mantendo o lugar dessa posse de saber sobre a realidade particular do leitor.

Marcamos que, nessas bibliotecas, grande parte do público inscreve-se em uma realidade social complexa e desamparada de outras formas de acesso à cultura, visto que não existe, por parte dos governos, iniciativas efetivas de atuação junto a essas comunidades; assim, as bibliotecas chamadas de alternativas instalam possibilidade de movimentos, deslocamentos, rupturas aos sujeitos que dela se aproximarem.

“Lá fora quando você faz a leitura, às vezes você faz meio assim jogado, né? Aqui não, você vê que as pessoas tem um interesse em ler e ao mesmo tempo escrever. Quando é uma coisa pressionada (...) você tem que fazer e acabou, agora que nem aqui no movimento, eu pego os livros, mesmo o do movimento, não é aquela coisa forçada, você vai lá lê e aprende, a gente presta atenção e aprende.”

O sujeito aqui marca a leitura como fazer, como algo que se faz de modo diverso e os advérbios de lugar “*lá*” e “*aqui*” apontam para a emergência de sentidos diferentes sobre leitura. O *lá*, no caso, indicia tudo o que está fora do assentamento rural onde o projeto de leitura é desenvolvido, como se imaginariamente o sujeito desenhasse uma borda geográfica de proteção dividindo o que “*lá fora*” faz falar a leitura como “*coisa pressionada*”. O “*aqui*” já implica outro sentido, o da não imposição e não obrigatoriedade de ler e de “fazer e acabou”, o que abre espaço para falar do movimento, cuja polissemia aponta tanto o movimento político dos sem-terra quanto o de buscar a leitura nos seus deslocamentos.

“Quero fazer mais leitores, quero ficar perto dos livros, quero distribuir livros”

O sujeito marca o seu querer, “*quero fazer mais leitores*”. Marcamos a repetição do mesmo verbo que estranhamos no recorte anterior – fazer –, aqui deslocado. Se no primeiro o sujeito faz a leitura, aqui o sujeito faz o leitor, o que relaciona a prática da leitura com os afazeres da vida cotidiana, associando-a a práticas e não a teorizações. Temos o efeito de desejo de uma teia de leitura, já que todos da comunidade poderiam ser feitos leitores e não apenas um tipo específico de leitor; observamos, ainda, que isso, na voz do sujeito, implica distribuir livros, garantir o acesso, aproximar os leitores dos acervos, o que, no discurso das instituições de leitura, nem sempre é garantido, visto que a burocracia e as normas afastam muitos sujeitos das bibliotecas públicas e escolares. E também que, nesses espaços, muitos leitores são barrados de se aproximar dos livros, já que o balcão ou mesa do bibliotecário funciona como um muro a garantir a segurança e integridade do acervo, afastando mãos curiosas que possam ameaçá-lo. O recorte acima, dentre outros que coletamos, indicia um movimento inverso a esse, implicando o sujeito na sua responsabilidade em tocar e guardar o acervo, tornando-o próximo dos livros e artesão de suas escolhas de leitura.

“(...) emprestar pro pessoal, sem data, sem prazo, então isso é fascinante.”

Observamos aqui outro efeito de ruptura do sentido de guarda e preservação do acervo. Algo que nas instituições oficiais de leitura não aparece, já que a data de devolução é tão regularizada e normatizada pelo discurso dominante e que, quando descumprida, é passível de castigo ou de multa. O fascínio aqui é de outra ordem, qual seja, “*emprestar pro pessoal, sem data, sem prazo*”. “*Pessoal*” nos parece uma marca interessante nesse contexto das bibliotecas denominadas alternativas, porque implica mais do que um sujeito, quase um coletivo de vários deles, algo que trabalha imaginariamente com a leitura em uma esfera de maior alcance social. O “*sem*”, repetido duas vezes, marca justamente os movimentos do sujeito de produzir o furo, o rompimento, o deslocamento, anunciando que, nessa biblioteca, a ordem é “*sem data*” mas com “*o pessoal*”, isto é, sem a burocracia mas com os leitores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, apresentamos alguns postulados sobre a leitura na perspectiva discursiva como processo de construção histórica de sentidos no qual estão assegurados a

polissemia, os movimentos de ruptura dos sentidos estabilizados e dominantes e a emergência de outros modos de dizer. As análises apontaram justamente essa tensão entre o dizer já dado e os movimentos de quebra em sua espessura; procuramos trabalhar com os sentidos discursivizados pelos sujeitos inscritos em práticas denominadas alternativas de leitura, tentando compreender o processo histórico de construção de sentidos em ambientes marcados pela ausência de intervenção do Estado no sentido de permitir o contato de sujeitos-leitores com a leitura. Visitamos bibliotecas que, na ordem dessa ausência, produziram a inscrição social de um espaço de livros e leitura; em meio a ambientes desprovidos de condições materiais básicas, inscreveram a presença mais do que constante de locais de cultura e leitura. Assim, consideramos as bibliotecas alternativas como espaços discursivos onde outras vezes fazem falar os sentidos de leitura envolta, não mais em obrigação, quantidade, sentido único ou dever, mas como prazer, divertimento, diversidade e possibilidades de mudança social.

Senses of reading in libraries named alternative

Abstract

In this work we mobilized the notion of reading the Discourse Analysis following the French approach to investigate how speechlization within libraries named alternatives and known as spaces for unconventional reading. Thus, we analyzed the subject-readers' speech, included among four libraries: Barca dos Livros de Santa Catarina, that leads reading through a boat; Becei de Paraisópolis, located within a slum in São Paulo; the mobile library Leitura de Barraco, scattered in a rural settlement of the Movimento dos Sem-Terra (MST) and Borrachaloteca de Sabará in Minas Gerais. We note that these libraries are spoken as spaces that break the stereotype of place that is silent, shut its readers and regulated by strict rules and installing the image of a place that allows exchange of practices and meanings about acts of reading.

Keywords: Discourse Analysis. Reading. Alternative Libraries.

REFERÊNCIAS

FERRAREZI, Ludmila. **O imaginário sobre a biblioteca escolar: sentidos em discurso.** 2007. 106 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência da Informação e da Documentação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a proposta de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores.** 2.ed. Campinas: Pontes, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, Freda. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethânia. As leituras da/na Rocinha. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

NUNES, José Horta. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista** - discurso do confronto velho e novo mundo. Campinas: Cortez e Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre a trajetória da mulher. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 73-90, jan./jul. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/emquestao./article/viewfile/24/9>>. Acesso: 26 ago. 2009.

PAYER, Maria Onice. Memória de leitura e meio rural. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PECHÊUX, Michel. **O discurso, estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. O leitor no contexto escolar. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

RODRÍGUEZ, Carolina. Sentido, interpretação e história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Na biblioteca escolar, a voz dos alunos. In: ROMÃO, L. M. S. (org) **Leitura e escrita: nos caminhos da linguagem**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2007.

SOUZA, Pedro de. No excesso de leitura a deflação do leitor. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Limiares de silêncio: a leitura intervalar. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.